

OS PROJETOS MIGRATÓRIOS DE BRASILEIRAS/OS NA ALEMANHA NO SÉCULO XXI: GÊNERO E EDUCAÇÃO

Gláucia de Oliveira Assis ^{1,2}[0000-0002-0307-6313]

Sueli Siqueira ¹[0000-0002-1802-4751]

Francisco Canella ²

¹ Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE)

² Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

galssis@gmail.com, suelisiqueira.gv@gmail.com,
franciscocanella@hotmail.com

Resumo. A emigração de brasileiros para a Alemanha é um fenômeno que se intensifica nesse início de século XXI. Uma das características desse fluxo é uma importante participação feminina. O artigo apresenta os resultados de uma investigação sobre brasileiros/as na Alemanha, cujos dados indicam uma significativa participação feminina e discutir como se configuram as trajetórias educacionais da geração dos filhos dessas imigrantes. A metodologia recorreu a netnografia com brasileiras que vivem na Alemanha e que têm filhos em idade escolar, das entrevistas realizadas, selecionamos 3 (três) com o objetivo de refletir sobre a experiência migratória de três mulheres brasileiras e seus desdobramentos nos seus projetos educacionais e de seus filhos. Como projeto educacional, as brasileiras imigrantes, muitas delas provenientes de escolas públicas no Brasil, buscam o sistema de ensino alemão porque consideram uma educação de qualidade, cujos filhos que não teriam acesso no Brasil, estudando numa escola pública brasileira. Contudo, o sistema tripartite escolar alemão tem características que podem contribuir para segregar filhos de imigrantes. Este artigo busca compreender o que tem sido chamado de práticas sociais transnacionais no domínio educativo, analisando as estratégias educacionais das famílias imigrantes brasileiras na Alemanha a partir das trajetórias de inserção no sistema escolar alemão. Os resultados evidenciam que, em alguns contextos, esse sistema de ensino alemão tripartite e a forma como hierarquiza e separa a partir do 4º ano (às vezes no 6º ano), conforme a região na Alemanha, pode significar para os filhos dos imigrantes maior dificuldade de acesso ao ensino superior, gerando uma tensão entre o projeto imaginado pelos pais e as condições progressão no sistema escolar na sociedade de imigração.

Palavras-chave: Educação, Brasil-Alemanha, Migração transnacional, Projetos educacionais, Gênero.

Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar as estratégias educacionais das famílias nos espaços sociais transnacionais entre o Brasil e a Alemanha, discutindo como as experiências educacionais no país de origem se articulam com os projetos de migrar para Alemanha e seus desdobramentos na geração dos filhos, no que se refere aos projetos educacionais. Segundo Furstenu (2016) e Carnicer (2016), o termo “educação transnacional” muitas vezes é utilizado para analisar trajetórias educativas de elites e pouca atenção é dada às estratégias de grupos sociais fora das elites. O artigo procura contribuir para as reflexões desses autores analisando experiências de imigrantes

brasileiras provenientes de camadas média e baixa da sociedade brasileira e buscando compreender seus projetos educacionais transacionais com relação às trajetórias educacionais dos filhos.

Material e Métodos

A investigação realizada é de natureza qualitativa e, inicialmente, previa um trabalho de campo na cidade de Hamburgo e cidades próximas. Em função da pandemia da Covid-19, que impossibilitou o contato presencial, optou-se pelo uso da Netnografia. A Netnografia é uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet. Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, blogs, redes sociais etc. Através das plataformas Zoom, Google Meet e WhatsApp foram realizadas 22 entrevistas com 18 mulheres e 4 homens brasileiros que emigraram entre 1971 e 2020. As participantes do estudo são imigrantes de diferentes origens regionais, provenientes de camadas média e baixa da população brasileira, com diferentes níveis de escolaridade e identificação étnico-racial. Além das entrevistas foram criados grupos no WhatsApp para conversas e debates. Neste artigo serão analisadas as histórias de Ana Luiza, Kenia e Fabiana, as quais expressam os laços com a Alemanha e os projetos educacionais para seus filhos. Para preservar a identidade das participantes, utilizamos nomes fictícios.

Resultados

A Alemanha como destino da emigração brasileira

No início dos anos 2000, ocorreu uma intensificação do fluxo para a Europa, compreendida como uma das consequências das políticas restritivas para entrada de estrangeiros nos Estados Unidos, após os atentados de 11 de setembro de 2001 a situação que se aprofundou com a crise financeira de 2008. Embora os principais destinos na Europa, sejam ainda Portugal, Itália e Inglaterra, a Alemanha, ao longo dos anos 2000, também viu crescer o número de emigrantes brasileiros, principalmente de mulheres. Bahia (2013) destaca a dificuldade de precisar exatamente esse número, pois muitos brasileiros entram no país com passaporte europeu – sobretudo italiano, alemão ou português – e que conseguem acessar os países por serem descendentes de europeus que imigraram para o Brasil no século XIX. Os estudos apresentados por Carnicer (2016), Bahia (2013), Lidola (2013) e Feijó (2021) evidenciam que pobreza e desigualdade social estão entre as motivações para a migração e indicam uma característica feminizada desse fluxo de brasileiros para Alemanha, destacando que cerca de 75% de todos os imigrantes brasileiros na Alemanha são mulheres, grande parte delas em casamentos transnacionais (Bahia, 2013; Siqueira, Assis, Genovez, 2020; Feijó, 2021). A migração para Alemanha tem se intensificado, com características que merecem um olhar mais atento, pois além das migrações por casamento, temos encontrado experiências de brasileiras que buscam emigrar para estudar na Alemanha e se qualificar por intermédio da inserção no sistema educacional alemão. (Furstenau, 2016 e Carnicer, 2016).

Migração e projetos educacionais

Ana Luiza tem 44 anos, sua mãe era brasileira, negra, formada em Letras (alemão), lecionava alemão na Escola alemã, Waldorf em São Paulo, capital. Na década de 1970, a mãe trabalhou como *AuPair* quando acompanhou seu companheiro, que emigrou para estudar na Alemanha. Os pais retornaram para o Brasil, onde nasceram Ana Luiza e sua

irmã. Ana Luiza sempre teve o desejo de ir para a Alemanha. Estudou alemão e quando terminou o segundo grau emigrou para Alemanha. Em 1996 graduou-se e fez o curso de doutorado. Durante o doutorado se casou. Seu companheiro é sérvio (também estava estudando na Alemanha) e eles tiveram 2 filhos.

Ana não tem projeto de retorno ao Brasil, pois considera que as oportunidades educacionais para seus filhos são melhores na Alemanha. Afirmo, com orgulho, que seus filhos estão inseridos no sistema escolar alemão. Na sua entrevista, fez um tour (por vídeo) por sua casa e mostrou o quarto dos adolescentes com a bandeira do Brasil e da Sérvia. Considera-os muito bem inseridos na sociedade alemã e na escola - a sua casa é o lugar de reunião dos amigos e dos colegas da escola dos filhos.

Kênia sempre teve o desejo de morar na Europa. Desejava fazer um intercâmbio, mas não tinha recursos financeiro. Em 2006, quando estava com 21 anos, terminou a faculdade de Letras e migrou para trabalhar com uma família, mas foi sem contrato de *Au Pair*. Depois de seis meses retornou, pois percebeu que não conseguiria estudar e trabalhar, sem um contrato. Retornou e dedicou-se ao estudo de alemão, casou-se e teve 2 filhos no Brasil. Emigrou novamente para Alemanha em 2008. Com o domínio do idioma, conseguiu trabalhar na sua área de formação (recursos humanos). Com a chegada dos filhos, o projeto de retorno ao Brasil foi abandonado, pois, como Ana Luiza, também percebe que o sistema educacional alemão, quando comparado com a escola pública no Brasil, é superior. Além disso, o acesso a outros sistemas de seguridade social pesou na escolha de permanecerem na Alemanha. No entanto, ao se deparar com o sistema educacional alemão e a forma como funciona a partir do final do 4º ano, emergiram tensões e problemas a serem enfrentados. Este foi um ponto de tensão para a família de Kênia.

Fabiana casou-se no Brasil com um alemão e emigrou para Alemanha em 2002, com 23 anos, e teve três filhos. Estudou alemão e atuou como professora de Português na universidade da cidade onde residia. Ensinou seus filhos o português e sempre se preocupou em contar histórias infantis com referências à cultura brasileira. Em seus depoimentos, destaca sua percepção de uma Alemanha onde ela e seus filhos teriam maiores oportunidades de estudo e de qualidade de vida, contudo, encontrou um sistema educacional muito distinto do Brasil conforme relata:

“Quando eu cheguei aqui pensei: na Alemanha o ensino público vai dar tudo certo, os americanos vêm fazer faculdade aqui, então deve ser tranquilo”, (...) “mas é um tema sensível essa questão da escola, porque eu quero que a Lara tenha condições de escolher se ela vai fazer ou não né, não os 9, 10 anos, já escolham por ela se ela vai poder fazer faculdade, né?”.

Considerações Finais

Ao longo das entrevistas, dos bate papos nas redes e grupos *on line* foi possível construir um quadro qualitativo das experiências de mulheres brasileiras na Alemanha e suas vivências na constituição de famílias transnacionais. Vários depoimentos evidenciam a percepção de que o sistema escolar alemão contribui para segregar os filhos imigrantes. Alguns depoimentos destacam essa surpresa com a separação das crianças tão cedo nesse sistema tripartite a partir do 4º ano definindo sua trajetória escolar e as possibilidades de acesso à universidade. Conforme destaca Furstenau (2016), alunos de famílias imigrantes ficam desproporcionalmente concentrados nos níveis inferiores do sistema hierarquizado, especialmente nas escolas preparatórias para o ensino técnico.

Na questão da educação dos seus filhos, as mães investem tempo no cuidado das crianças, ao mesmo tempo que se preocupam com o aprendizado do alemão e o

desempenho escolar que permita ir ao *Ginasium*. A língua materna é vista como língua de heranças, que permite manter contato com familiares no Brasil onde vivem regularmente

Referências

- BAHIA, Joana. Brasileiros em Berlim: sociabilidades e identidades em construção. Migrações Internacionais: valores, capitais e práticas em deslocamento. Santa Maria, Editora UFSM, 2013.
- CARNICER, Javier. Multilinguismo e educação em famílias transnacionais entre o Brasil e a Alemanha. In: J. Bahia & M. Santos (Eds.), Um olhar sobre as diferenças. A interface entre projetos educativos e migratórios, São Leopoldo, pp. 18–34. 2016.
- FEIJO, Glauco Vaz. Retratos do Brasil na Alemanha: 30 Anos de Imigração, Pontes Editores, 356p. 2021.
- FÜRSTENAU, Sara. Multilingualism and school development in transnational educational spaces. Insights from an intervention study at German elementary schools. In: _____. Bildung in transnationalen Räumen. Springer VS, Wiesbaden, 2016. p. 71-90.
- SIQUEIRA, Sueli; ASSIS, Gláucia Oliveira; GENOVEZ, Patrícia Falco. Migrant women multiterritoriality process in transnational marriage condition. In: Farzana Gounder; Kalpana Hiralal; Amba Pande; Maurits S. Hassankhan. (Org.). Women, Gender and the Legacy of Slavery and Indenture. Abingdon: Routledge, 2020, v. 1, p. 200-220.
- LIDOLA, Maria. Changing boundaries and redefining relations: migration and work experiences of Brazilian women in Germany. In: Migrations between Spaces in the Americas and Beyond. FIAR Forum for Inter-American Research. *The Journal of the International Association of Inter-American Research* (IAS), v. 6, n. 2, 2013. pp.1-25. <http://interamerica.de/current-issue/lidola/>